



ANIMATOGRAFOS
DO
ROSSIO

PROGRAMMA
FRONTIERA DO MEDO
SUA VOLTADA HORROR

vamos ao nimas

um filme de
lauro antónio

vamos ao nimas

FICHA TÉCNICA:

Planificação, montagem e realização LAURO ANTÓNIO
Fotografia MOEDAS MIGUEL
Texto MARIA EDUARDA REIS COLARES
Locução NUNO MARTINS e LIA GAMA
Montagem sonora RAUL FERRÃO
Misturas LUÍS BARÃO
Assistente de realização (estagiário) LUÍS SARMENTO
Assistente de montagem EMILIA DE OLIVEIRA
Assistente de imagem JOÃO ABEL
Película ILFORD
Laboratório de imagem ULYSSEIA FILME
Laboratório de som NACIONAL FILMES
Fílmagens entre Setembro de 1974 e Março de 1975, em Lisboa

Distribuição em Portugal FILMES LUSOMUNDO
Classificação PARA TODOS
Estreia em Lisboa Cinemas ESTÚDIO APOLO 70
TIVOLI e OLYMPIA

Este filme foi subsidiado pelo I.P.C. (Instituto Português de Cinema)

COMENTÁRIOS

1. «OS CINEMAS TAMBÉM SE ABATEM»

- Aqui existiu uma sala de cinema. Uma sala popular. Um bilhete para uma sessão dava direito a ver duas fitas em reprise.
- Aqui existiu uma sala de ilusões. Aqui Gene Kelly dançava à chuva. Marilyn amava. James Bond tinha ordem para matar. Charlot dava pontapés nos pócias. Os Marx faziam coisas impossíveis. Tarzan lutava com corcodilos. «Me Tarzan. You Jane». Zorro e Fantomas na mesma sessão. Bogart em «Casablanca». A malta sofria — ria — sonhava — vibrava.

2. «O NIMAS: TENTATIVA DE DEFINIÇÃO»

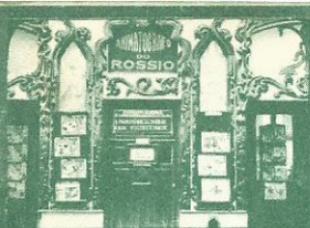
- A malta sofre — ri — sonha — vibra.
- Risos e murros. Heróis e vencidos. Amores e aventuras. Por 7\$50. A preço módico: O Nimas.
- O Nimas é isso. Ou antes: era. Hoje é mais grave. Os sub produtos tornaram-se quase a sua exclusiva programação. Sexo e violência. Sádismo. O Nimas leva aquilo a que se chama «barracas» ou «barretes». Quase nunca cinema.
- O Nimas serve o povo ou serve-se do povo? São velhos conhecidos e sabem o que podem esperar um do outro. O Nimas e o seu público fazem uma troca em que o espectador perde sempre. O Nimas vai vivendo. Afinal no Nimas as «pequenas» são fáceis e o inimigo morre na última bobine.

«USOS E COSTUMES»

- O Nimas é um cinema com os seus hábitos, com as suas tradições. Com o seu código. O lenço na cadeira é marca de quem a ocupa. A ginginha ou o branco fresco substituem o ar condicionado e só os bilhetes, ao tomarem o lugar da carimbada na mão, tornaram o ritual um pouco diferente.

3. «ONDE ESTÃO HOJE OS CINEMAS POPULARES DE ANTI-GAMENTE?»

- Onde estão os Nimas de outrora?
- Muitos foram-se. Com a bela coragem dos heróis de outrora. Com o Charlot o bom. Com o eterno regresso de «Johnny Guitar». Alguns levou-os a TV. Os heróis são outros. Com publicidade nos intervalos. E até tem boletim meteorológico. O bilhete é o preço da bica e encontram-se os amigos todas as noites.



4. «OS QUE DESAPARECERAM»

- Alguns cinemas populares são reconvertidos para cinemas de estreia, entrando no circuito da concorrência da grande indústria cinematográfica.
- São os **Nimas** promovidos.
- Outros — caso do **Rex** —, ganham três dimensões com valentes dentadinhas dos empórios teatrais.
- Noutros locais ficam restos de **Nimas**: de Zorro e Fantomas, a tentação dos Bancos.
- Das aventuras de Sindbad, os tapetes persas.
- Do Surrealismo dos Marx, uma igreja com 1.º balcão. O velho «Max» passa a local de um novo culto.
- De Orson Welles, resta na «Voz do Operário» uma sala para reuniões políticas.
- Para outros, apenas a morte lenta, o sacrifício às necessidades dos novos conceitos de urbanização.

5. «OS QUE SOBREVIVEM»

I. No centro

- Houve **Nimas** que sobreviveram. Indolentes. Saboreando as tardes da Baixa lisboeta. Violência e sexo nos dias sim, sexo e violência nos dias não. Entre o jornal da tarde a bica e o totobola, entre dois turnos do trabalho, o **Nimas** sabe bem.
- Situados na zona da baixa, junto do centro comercial, bem servidos de transportes, estes cinemas são principalmente frequentados pelos que, devido aos seus horários de trabalho, se encontram frequentemente com tempos livres durante a tarde, verificando-se também frequência de desempregados, indivíduos de profissão incerta, etc.
- «Viva o cinema que renovará e iluminará a inteligência popular». Quem o disse foi Louis Delluc, cerca de 1920.
- Vejamos então o que recebe o frequentador do **Nimas** ao longo de um ano, que lhe permita «iluminar e renovar a inteligência».
- No ano de 1974 a programação do cinema Olímpia apresentou os seguintes filmes:
«Nenhum deles se chamava Trinitá»; «Sombras no Bosque»; «A Vingança é o meu Perdão»; «A Vingança de um Homem Calmo»; «O Estrangulador de Viena»; «Desforra de Hércules»; «Uma Pistola na Mão do Diabo»; «Drácula, Prisioneiro de Frankenstein»; «Eu não perdoou, Mato»; «As 14 Amazonas»; «Demónios sobre Água»; «Tarzan e as Amazonas»; «Os 3 Famosos de Trinitá»; «O Circo dos Vampiros»; «O Fabricante de Loiras Explosivas»; «O Rebelde das Estepes»; «A Caverna do Terror»; «A Aventura de Darwin»; «O Homem com Raios X nos Olhos»; «Zorro, o Dominador»; «A Vingança de Rosalie»; «Tarzan e os Inimigos da Selva»; «Zambo, Senhor da Selva»; «Madrugada Sangrenta»; «Gringo não era um Santinho»; «Hércules, o Libertador de Siracusa»; «Aí vem Django, pagas ou Morres»; «O Pistoleiro designado por Deus»; «X 312 voo para o Inferno»; «Punhos Violentos»; «Ao 3.º Dia chega o Corvo»; «Apocalipse Joe»; «Jubal»; «Uma Espada para um Império»; «Zorro, Cavaleiro da Justiça»; «É no fim chamaram-lhe Jerusalém, o Implacável».

II. Na periferia

- Outros **Nimas** saem do centro, expulsos da grande cidade.
- Empurrados pela urbanização que incessantemente os desloca, aproveitando a migração da população para as zonas dormitório da periferia, estes vão alimentar-se das classes trabalhadoras e da pequena e média burguesia residentes nesses bairros.
- Na periferia a sub-aventura a metro vende-se, sobretudo, depois do jantar. Para descansar as mãos fatigadas de tanto tijolo, de tanta pedra, de tanta roupa, de tanta louça! Depois do autocarro, das fraldas e das sogras, a ilusão de que tudo, tudo é muito diferente.
- Ao contrário dos **Nimas** «do centro», estes funcionam essencialmente nas sessões da noite, apenas com matinees aos sábados ou domingos.

6. «POR UM CINEMA VERDADEIRAMENTE POPULAR»

- E a função do cinema? Para quando no **Nimas** a função cultural do verdadeiro cinema? Não para esquecer, não para adormecer. Um cinema para despertar, para lembrar.

Um cinema em que as costureirinhas violadas não enriqueçam, onde os homens não se chamem Trinitá? Para quando um cinema feito arma para combater combates reais?

ÉPOCA DE ESTREIAS 1973 74





vamos ao nimas

— Para se ser crítico de cinema não é necessário obrigatoriamente saber «fazer cinema». Assim como não é exigido, saber plantar vinhas a qualquer provador de vinhos. Ele dirá se se trata de uma boa colheita, e até qual o ano, analisando e saboreando unicamente o líquido. Plantar vinhas é um ofício. Provar vinhos, um outro. Ambos necessitam de anos de estudo e prática constante. A intuição também ajuda.

— Todo o indivíduo deve fazer aquilo que faz, o melhor que pode. Um realizador de cinema não precisa de fazer «obras-primas». Precisa sim, de fazer filmes e fazê-los o melhor que pode, e sabe. Com honestidade para com o público e sinceridade para consigo próprio. Ao crítico de cinema que passa a realizador é lícito exigir, não «obras-primas», mas a consciência tranquila: fazer o melhor que pode e que os resultados não o reprovem na profissão.

— No meu caso pessoal: deve possuir-se a coragem de parar, quando se descobre a inconsistência dos actos, o falhanço dos resultados ou a insinceridade dos propósitos. Pensando nisso, e depois de ver criticamente «Vamos ao Nimas», a intenção é continuar. O que quer dizer que, se os resultados finais não deslumbram, também não intimidam.

— «Vamos ao Nimas» é, involuntariamente, um filme que concilia uma dupla posição perante o cinema. Por um lado uma visão «de crítico»; por outro, a continuação de uma iniciação da prática cinematográfica. Creio que é descaradamente um pequeno filme de um crítico que passa à realização.

— Porquê o «Nimas»? Primeiramente porque foi sobretudo nos «cinemas de bairro», no velho Europa, no velho Royal, no Paris ou no Jardim, que aprendi a amar o cinema (note-se, por singular curiosidade, a proximidade desses cinemas dos liceus por onde andei...). Depois, porque aí o público adere ao espectáculo de uma forma muito especial. Finalmente porque, por maquinações do capitalismo, os velhos «clássicos» da aventura, do humor, do suspense ou do amor cederam progressivamente o seu lugar a este estendal de violência gratuita, de especulação, de barbárie que por todo o lado cresce. Enquanto desaparecem as salas que viram nascer e morrer uma época de ouro.

— Não se trata de saudosismo. O cinema contemporâneo atingiu nalguns casos maturidade que outrora não possuía, nem lhe era lícito aspirar. Mas a média dos espectáculos ditos de diversão é, hoje em dia, confrangedora, em relação ao que foi em tempos idos. A aventura perdeu a inocência e o que ganhou em troca não honra os seus inventores.

LAURO ANTÓNIO

Nasceu em 18 de Agosto de 1942, em Lisboa. Viveu oito anos em Portalegre. Regressou a Lisboa em 1958, onde tirou o curso de História, na Faculdade de Letras. Cumpriu o serviço militar, entre 1969 e 1972, nos Serviços Cartográficos do Exército.

Começou a escrever sobre coisas de cinema ainda na Rabeca. Mais tarde passaria pelos jornais académicos, pela República, Plateia, Filme, Jornal de Letras e Artes, Vértice, Rádio e Televisão, Século Ilustrado, Notícia, Telesemana, entre outras publicações.

Foi dirigente cineclubista, entre 1962 e 1971 (ABC Cine Clube de Lisboa). Fez parte de diversas comissões organizadoras de festivais de cinema: Filme Didáctico (64), III Festival de Lisboa (66), e de vários ciclos da Casa da Imprensa (de colaboração com Vasco Granja, até 1971). Foi colaborador de Artur Ramos nas Quinzenas do Bom Cinema. Dirige presentemente a programação das salas Estúdio Apolo 70 e Caleidoscópio (Lisboa) e Estúdio Foco (Porto).

PUBLICOU:

- Três Peças em Um Acto, Ed. Cronos, 1966;
- O Cinema entre Nós, Ed. Cronos, 1966;
- O Cinema em Portugal, visto através dos Números, in Almanaque «O Século», 1967;
- O Cinema entre Nós, Ed. Dom Quixote, 1970;
- USA, anos 60/70, Ed. do autor, 1974;
- Introdução ao Cinema Húngaro, Ed. Enquadramento, 1974;
- Dirigiu a revista Enquadramento, de que saíram três números;
- Actualmente é crítico de cinema do Diário de Lisboa (desde 1967) e apresenta alguns filmes na rubrica Clássicos do Cinema, da RTP.

EM CINEMA:

- 1971 — Colabora em Grande, Grande era a Cidade, filme em 16 milímetros, de longa metragem, que a Censura oficial boicotou;
- 1974/75 — Vamos ao Nimas, 20 minutos, 35 mm, preto e branco;
- 1975 — Prefácio a Vergílio Ferreira, 35 mm, cor;
- 1975 — Prepara Dossier: Fascismo, média-metragem, 35 mm, preto e branco.